

Poemas, Encruzilhadas e Vozes Insubmissas: o escrever de mulher preta como estilhaçamento das amarras coloniais

 <https://doi.org/10.47456/simbitica.v10i2.37456>

Dayanne da Silva Santos

Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão, Brasil. Mestre em Ciências Sociais pela mesma Universidade. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. Integrante do Grupo de Estudos: Desenvolvimento, Modernidade e Meio Ambiente (GEDMMA-UFMA). Bolsista CNPq. E-mail: lavignedayanne@gmail.com

Pedimos licença para partilhar dor, lutas e processos de cura entoados em palavras correntezas, águas profundas, encantadas, encarnadas e afro pindorâmicas de muitas pretas em mim. Os poemas aqui expressam gritos de revolta e processos de cura. A poesia marginal é um lugar de cura para nós mulheres negras, ela faz parte do nosso autorreconhecimento como pessoa negra, como mulher negra e de terreiro. À medida que fui me afirmando em uma sociedade de dor, foi na força dos encantados que cruzei meu corpo com a força de muitas/os ancestrais, um transe contínuo com meus guias, no encruzo e encontro de uma subjetividade insurgente, de muita gente em mim. Os poemas aqui compartilhados são gritos de liberdade que expressam e inscrevem uma mulher negra na luta política contra o racismo. As palavras são povoadas por pessoas e encantados. Os poemas são sobre nós, pessoas encarnadas de uma natureza viva.



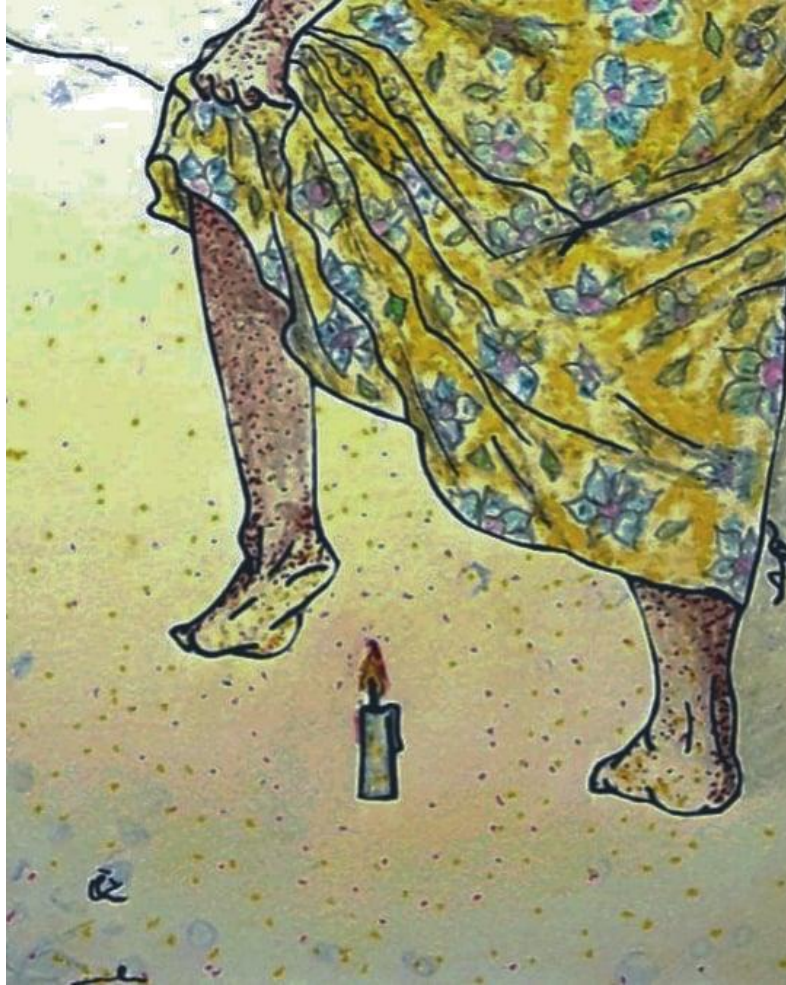


Figura: Desenho que minha amiga e companheira de muitas lutas, Ainá Caburé, fez sobre mim, um presente, um afeto entre mulheres marginais.

****MULHER****

A minha feminilidade sangra
Esse sangue é denso e diverso
Me abaixo e tiro a calcinha
O sangue cai e fertiliza a terra
A terra germina meus troncos velhos
Essas raízes são sagradas

Corpo Encantado

*Eu sou terreira
meu corpo é território de guias
do povo do fundo
dos caboclos da mata
dos encantados da beira de caminhos
dos tucunzeiros
dos manguezais
eu sou terreiro*

entro em transe contínuo
Às vezes irradiada
Abaixo a cabeça
Em respeito aos meus guias
De cabeça baixa
Minha croa se abre
Seja noite, seja dia
A quem me protege
Dupé
Obrigada!

PRETO a cor mais FORTE

Toda vez que caímos nos levantamos mais fortes
Está no nosso sangue
Nos corpos estilhaçados dos nossos antepassados
No sangue derramado
No corpo queimado
No preto como homem negado
Somos duas vezes mais humanos
Não porque nascemos
Mais porque fomos abortados
E mesmo nascendo quase mortos
Continuamos sendo sujeitos negados
Mas, é aí que somos mais fortes
Pois nos levantamos com os nossos antepassados
De um povo negro somos sementes
Com orixalidade somos gente!

ENTRANÇADA

Quando eu penso em intelectualidade
Eu penso no meu corpo negro,
nas tranças que eu não fiz quando criança
na minha raiz sendo esticada/alisada, nos apelidos racistas,
na/o professora/o que não via futuro em mim e que me disse para fazer outra coisa, porque eu não
era "intelectual"
penso nas pretas que foram obrigadas a abortar seus sonhos, nas que não conseguem falar por conta
do silenciamento imposto
e faço do meu corpo movimento para tencionar essa estrutura racista, sexista, colonial e patriarcal.
Com os passos/aprendizados de muitas pretas luto contra uma escravatura, o racismo.

Fala corpo teu, TRANSGRESSOR!

(Terça-feira, 10/11/2020)

Peço licença para falar
Partilhar insurreição
Estou lendo Luiz Gama
Abolicionista desde pequeno

Sempre lutando contra a escravidão

Com a licença já dada
E as devidas permissões
Quero aqui compartilhar
Parte de minhas indignações
Quem não me entender?
Leia Luiz Gama!
Ele tem as explicações
Para palavras tão flecheiras
Que narram aqui essa minha vida rotineira

Quero ser chamada de poetisa
Pois é mais fácil comunicar
Com as palavras de minha gente
Esse axé de falas que me fundamentam
Como insurgente,
nelas me sinto livre
Já aviso que falo errado
Para os intelectuais do Ocidente

A minha luta diária
Vem de longe e quebrando correntes
São falas transgressoras
De pessoas que sempre agiram
Fugiram dos cativeiros
E das tacas dos senhores

Para quem não me conhece
Me chamem pela minha gente
Esse povo rebelde
Que sempre tacou fogo nos horrores
Das violências orquestradas
Pelos filhos dos doutores

Eu sou meio ignorante
Tô aprendendo a me comunicar
As instituições são tão brancas
Que dá até medo de falar

Foi quando descobri essa força
De ser negra nas palavras
Lendo Lélia Gonzalez

Abdias do Nascimento, Maria Firmina dos Reis, Beatriz Nascimento
Lendo com Dona Dalva, mãe Severina, Anacleto Pires e seu Libânio

Desde o quilombo
Que me tornei essa semente
De raízes tão profundas
Que nas diásporas das Américas
Me conectam a outras terras

Essa África desconhecida

Tão rica em diversidade cultural
Tão adocida por interpretações brancas
Traduzindo muitas vezes
Na ignorância das palavras
O que não tem tradução

Essa minha mãe preta
Que há poucos anos descobrir
Tão presente em minha vida
Tão longe e tão perto de mim
Nas rezas de minha mãe, nos benzimentos de minha vó
Que ligeiramente aprendeu com a mãe dela
Uma indígena lá de Codó/MA

Minha avó foi arrancada desde novinha de sua mãe
Cresceu sem saber do seu povo
Violência colonial no século XX
Cresceu nas ruas com os cuidados do senhor dos caminhos
Guardião de sua infância
Em plena escravidão

CUIDADOS

Maternidade negra entre pessoas de axés
Desse cuidado originário
Muitas pessoas negras se põem de pé
Firmamento ancestral
Desde tempos coloniais

Posso escrever por horas
O que sinto e aprendo em sonhos
Ensinamentos estigmatizados
Pela educação eurocentrada
Que deseja a mestiçagem
E nos coloca mal olhados

Sou poetiza de minha gente
Esse povo lutador
Que sempre abriu caminhos
Debaixo de muita dor
Vou parando por aqui
Para não chatear o seu doutor
Que ainda desconheci
Nega nas supremas cortes
As humanidades aqui narradas
Oficializando o “Nazismo”
Disfarçado de Racismo
Atitudes impressas
em discursos “humanitários”

A negritude do qual vos falo

É exaltada com muito amor
É uma luta que se cura com afetos
Cuidados e tradição
Atuamos em todos os espaços
Visamos liberdade
Equidade
Somos poetas/poetisas
Quando falamos
soltamos flechas pela boca
simplesmente
guerreamos.

Um batalhão contra a Nação

Não nos calaremos
Nossos gritos são gemidos, sussurros de indignação
Não nos calaremos
Nossos corpos continuam sendo coisificados pela Nação
As correntes do desenvolvimento nos arrastam para a escravidão
Para o porão
Dentro das viaturas somos embalados em sacos pretos
Dentro de viaturas somos lançados em modernos cativeiros
Somos detentos, perigosos prisioneiros
A segurança da Nação exige e autoriza o genocídio do povo negro
Quilombola, camponês, periférico, batuqueiro e mineiro
Povo amaldiçoado, macumbeiros, feiticeiros
Linguagem maldita da Nação branca
Que esfola minha voz, que esfola meu corpo
Corpo negro da resistência
Linguagem maldita que esfola minha voz
Corpo branco, da branquitude sujo fim do mundo
Eu levanto, sou fantasmagórico
Coberto de sangue ainda sinto a bala de fuzil por engano
72 tiros, 80 tiros
Coberto de sangue eu olhava teu corpo branco
Estava fardado era segurança
Era a polícia/o estado que me estrangulava no chão
No Maranhão, no Brasil, em Minnesota nos E.U.A
Corpo branco sujo fim do mundo
Eu te amaldiçoo
Eu convoco todos os Òrìṣà
Eu reúno o povo do fundo, das matas e dos caminhos
Eu marcho em fúria
Já não respiro mais e coberto de sangue
Eu comando um batalhão de corpos negros que se revoltam contra a Nação.

Doutrinar

*Eu te miro com o espelho de Oxum
Eu me levanto com a espada de São Jorge*

*Eu vim da lama
Eu sou guerreiro
Enfrento a morte
Dela sou mensageiro
Eu vim da lama
Eu sou guerreiro
Enfrento a morte
Dela sou mensageiro
Me firmo com as espadas e Ogum
Me cubro com as folhas da Jurema
Peço licença aos mensageiros
Luto com Xangô e Oyá pra me guardar
Eu vim da lama
Eu sou guerreiro
Enfrento a morte
Dela sou mensageiro*

Considerações Insubmissas:

Estamos em Luta desde que o navio negreiro nos arrancou de nossa mãe África.

*Recebido em 02-02-2022
Modificado em 02-06-2022
Aceito para publicação em 30-06-2022*